

SOBRE A ESCULTURA DE SUSANA PITEIRA

Num trajecto desenhado com uma determinação exemplar de rigor e disciplina, não é por acaso que olhamos as esculturas de Susana Piteira naturalmente, mas não indistintamente, no muro, no chão, numa parede onde a pedra perdura ou o gesso a releva. Ou, ainda, amparados pela luz que as acolhem, em cúmplice diálogo de meditado ensaio.

Como e de onde nos chegam aqueles objectos de mármore, desafiando a gravidade pela subtileza e elegância do propósito e como possuídos de vontade própria, se fossem instalar onde lhes aprouvesse? Estamos a crer, que do universo que conhecemos, a matéria terá sido o fascínio da autora pelo encantamento da natureza e o desafio de tornar fácil o que não o é, leve o que não o é certamente, mentira que não, pois que é verdade!

Se, por vezes a pedra nos evoca uma história de um imaginário construído em torno de formas lineares austeras, outras vezes em exercícios de formas trabalhadas em densa proliferação de detalhe, aqui é a curva que a domina em toda a extensão e em toda a sua compreensão: Sensualidade seria imediatamente mais do que o conceito a experiência!

E, de tanto repetir a história da arte, os mesmos termos e o mesmo articulado encantador, nos confrontamos de novo e sempre, porque concordantes, com um exemplo clássico de trabalho e de domínio onde a técnica não prevalece sobre a criação, nem a vontade sobre o desejo e o sonho.

Não deixa de ser merecedor também de um outro olhar, a atenção que o trabalho de Susana Piteira nos propõe; a qualidade da factura das peças que apelam tanto ao estímulo visual, quanto ao tacto, como convém. Mas, apesar de tudo, uma escultura, independentemente da sua poderosa presença física e material como a de que falamos, é sobretudo e ainda, a experiência de tocar. De sentir o que os sentidos podem elogiar num tempo de real existência e aparente contacto com o que de mais importante faz sentido à vida.

As formas que nos rodeiam, de tantos modos e de tantas origens, provocam em nós afinidades electivas que nos fazem aproximar ou distanciar o olhar e a emoção conforme a experiência e a aspiração à compreensão do desconhecido.

Contudo, a capacidade de cada um de nós em poder receber esse universo, a si mesmo estranho, mesmo que relacionável com entidades e conceitos pré estabelecidos, faz com que tal experiência de visita, se revista de um momento singular e único que nem depende exclusivamente da vontade de saber, mas mais dessa forma superior de inteligência, que se chama intuição.

Se o que importa a um artista é a conjugação de tanto conhecimento, experiência, estudo e procura de saber compreender o que não acaba mais de ser compreensível; a existência e a procura da felicidade, sabemos aqui, que a artista partilha com o espectador esse desafio, único e raro, através dessa experiência de generosidade que é expor-se e mostrar tudo o que sabemos de nós, dos outros e do mundo.

Francisco Laranjo